



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

Medicinas da Mulher: o "equilíbrio com a natureza" como definição de saúde

Autoria: Luanda de Oliveira Lima (Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz), Claudia Bonan Paula Gaudenzi

Nos últimos anos é possível notar em diversos espaços virtuais, especialmente nas mídias sociais, o crescimento de conteúdo, manuais e métodos de "Ginecologia Natural", que difundem o acompanhamento do ciclo menstrual, a não utilização de hormônios sintéticos e tratamentos não farmacológicos para desconfortos e "problemas de saúde". De acordo com as mesmas, as terapias têm como foco a autonomia feminina, o bem estar, a harmonia do corpo e o equilíbrio com a natureza. Os movimentos sobre os quais refletimos trazem uma visão crítica acerca da medicalização, questionando o protagonismo da figura do profissional de saúde e dando às mulheres o protagonismo da cena e do cuidado com elas mesmas, onde elas próprias poderiam resgatar os conhecimentos inscritos nas próprias. Analisamos nesse work como a ideia de "equilíbrio com a natureza" é utilizada para discutir saúde e como esses grupos se consolidam como repositórios de saberes acerca saúde feminina, analisando que disputas e diálogos entre os saberes ditos científicos e os ditos tradicionais colocam-se na constituição das medicinas da mulher como sistemas médicos alternativos. Os conteúdos divulgados pelas autoras de blogs como Ginecosofia e Ginecologia Natural por Bel Saide difundem ?práticas populares de cuidado? que teriam sido expropriadas das mulheres no processo de constituição da ginecologia clínica e reforçado o corpo da mulher como um problema de saúde. Em meio aos textos postados nas mídias e analisados até o momento, é comum a divulgação de "saberes populares ancestrais" sobre plantas medicinais e métodos de cuidado populares, como os banhos de assento, florais e chás. Usualmente, podemos observar as autoras intitulem-se como bruxas e curandeiras, buscando marcar a sua conexão



com a natureza, ?a Grande Mãe?, e, paralelamente ratificam as práticas e terapêuticas por elas difundidas. Uma parte dos grupos invoca também evidências científicas de acordo com o método científico cartesiano, que já teriam comprovado a eficácia de determinado tratamento ou receita natural. Notamos que as disputas e os diálogos entre os saberes considerados científicos ou tradicionais a respeito da saúde da mulher tem se intensificado, trazendo novos elementos de análise histórica e social, ressignificando as noções de natureza e cultura, que permeabilizam-se nos conceitos apresentados. Nos espaços virtuais estudados percebemos que esses grupos se consolidam como sistemas médicos concorrentes, questionando a medicina clínica direcionada para a mulher, em especial a mulher urbana, sua percepção de saúde-doença, seus métodos e terapêuticas. Observamos ainda a conexão da ação desses grupos e os de reflexão feminista e de autocuidado, ecofeministas e de resistência à hormonização dos anos 1970-80.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: